



REVISTA

RECONEXÃO PERIFÉRIAS



FOTO: SÉRGIO SILVA

Negras, periféricas e protagonistas nas lutas

Entrevista com a primeira vereadora negra e trans de São Borja (RS), Lins Robalo

Homenagem a Malu Viana, uma das primeiras rappers do Brasil

AGENDA DE LUTAS JULHO DE 2021



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



Negras, periféricas e protagonistas das lutas



MAFALDA PEQUENINNO, DO ILÚ OBÁ DE MIN, NA MARCHA DA S MULHERES NEGRAS DE 2019. FOTO: SÉRGIO SILVA

A Revista Reconexão Periferias do mês de julho é dedicada à luta das mulheres negras, nos marcos da data do Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, 25 de julho.

Maioria da população brasileira, as mulheres negras das periferias de nosso país precisam lidar cotidianamente com o preconceito e com as

discriminações de raça, gênero e classe. Esta luta histórica torna-se ainda mais urgente e atual em momentos de retrocessos econômicos e desmonte de direitos, como o que estamos vivendo sob o governo Bolsonaro. No mercado de trabalho, elas são a maioria das pessoas desempregadas. Entre as que conseguem um

emprego, elas as ocupam os postos mais precários, informais, sem direitos garantidos e com menor renda. Muitas ainda são as únicas responsáveis pelos cuidados com filhos, com a casa e com idosos, situação que se agravou ainda mais durante a pandemia.

Mas se os desafios são gigantes, as possibilidades

PROJETO RECONEXÃO PERIFERIAS ■ **DIRETOR RESPONSÁVEL** ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ **COORDENADOR DO PROJETO** PAULO CÉSAR RAMOS ■ **EQUIPE** ISAÍAS DALLE, JAQUELINE LIMA SANTOS, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, SOFIA TOLEDO, VICTORIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ **COLABORADORES** SOLANGE GONÇALVES LUCIANO, THIAGO SILVEIRA, WEBER LOPES GÓES ■ **EDIÇÃO** LÉA MARQUES E ROSE SILVA ■ **REVISÃO** ROSE SILVA ■ **PRODUÇÃO EDITORIAL** CAMILA ROMA ■ **PROJETO GRÁFICO** CACO BISOL ■ **DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO** ALOIZIO MERCADANTE (PRESIDENTE), VÍMAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JÉSSICA ITALOEMA, JORGE BITTAR E LUIZ CAETANO

de superá-los que vêm sendo construídas mostrando-se ainda maiores. São as mulheres negras que vêm protagonizando a luta nas periferias do Brasil, construindo saídas coletivas e solidárias, organizando o território para resistência e para a conquista de direitos.

Para avançarmos nessa luta é preciso dar visibilidade e apoio concreto a essas ações, e, além disso, que todos e todas assumam uma postura antirracista, reconhecendo e respeitando a contribuição histórica das feministas negras para a democracia e para a esquerda latino americana.

Apresentando a realidade das mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro atualmente, trazemos o artigo de Rosana Fernandes, secretária nacional-adjunta de Combate ao Racismo da CUT.

A entrevista do mês é com Lins Robalo, mulher negra trans eleita pelo PT para vereadora em São Borja (RS). Lins fala das dificuldades que encontra, mas também das

conquistas que vêm construindo em seu mandato.

No artigo do coletivo das Mulheres Negras Resistem, Ariadne Rios, Mona Lisa da Silva e Vera Rodrigues contam sobre o processo de construção do primeiro e-book do grupo, o qual se propõe a recontar a trajetória coletiva construída de resistência ao racismo e sexismo.

O perfil do mês é sobre o coletivo de Mulheres Negras de Mato Grosso do Sul, voltado ao protagonismo dessas mulheres e sua inserção nas políticas públicas.

Em Novos Atores a trajetória de Verônica Lima, primeira mulher negra eleita vereadora na cidade de Niterói. Sua história é marcada pela luta das mulheres, da população negra e das pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Na seção de Arte são destaques Gracinha Donato, que trabalha com a linguagem teatral e atua em diferentes peças e outras montagens artísticas,

com música e produções audiovisuais, além de ser a articuladora política e cultural no Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM). E Nielson de Lima, mais conhecido como Terror do Rap, uma resistência da cultura hip hop no Recife, que passa, com sabedoria, uma visão em seus escritos, trazendo voz para o povo da periferia ao percorrer sua caminhada.

A revista traz ainda artigo de homenagem em memória de Malu Viana, baseado em seus próprios escritos. Mulher negra, pioneira no hip hop, atuante nas principais lutas de sua geração, companheira de todas as horas do Reconexão Periferias, candidata a vereadora na última eleição ela nos deixou em junho, causando um profundo pesar sobre sua partida. Malu Viana estará sempre presente conosco com a energia única que apresenta em sua foto que estampa a capa dessa edição da **Revista Reconexão Periferias**. Boa leitura! ■

A mulher negra e os efeitos do racismo estrutural

ROSANA FERNANDES

ROSANA FERNANDES
É TRABALHADORA
QUÍMICA DE SÃO PAULO
, FORMADA EM SERVIÇO
SOCIAL; TAMBÉM
EM SINDICALISMO E
TRABALHO, DIRIGENTE
DO SINDICATO DOS
QUÍMICOS SP E
SECRETÁRIA NACIONAL
ADJUNTA DE COMBATE AO
RACISMO DA CUT



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Apesar de a população negra ser a maioria no Brasil, ela é ao mesmo tempo a mais subutilizada, que tem os menores salários e a que mais enfrenta o desemprego.

A escravização deixou marcas duradouras na história brasileira. O sistema econômico pós-abolição, por meio de mecanismos mais ou menos explícitos de discriminação, reservou à mulher negra papéis subordinados no mercado de trabalho, e até hoje elas ocupam os trabalhos de menos prestígio, menor remuneração e baixíssima mobilidade social.

A trajetória laboral das mulheres negras, de maneira geral, tem um início precoce e uma saída tardia, desemprego elevado, concentração em ocupações subordinadas, bloqueios à competição por posições com maiores remunerações e prestígio, baixo retorno em relação ao avanço da escolaridade, e, principalmente, o racismo.

A discriminação se concretiza no mercado de trabalho, o que faz com

que as mulheres negras saiam perdendo em ocupações, rendimentos e saúde mental. A escravização estabeleceu o lugar da mulher negra na hierarquia social do país.

No mercado de trabalho, os efeitos do racismo estrutural são evidentes, e quanto mais retinta for a pele da mulher, mais distante estará das oportunidades. Não apenas no mercado de trabalho, mas em todas as esferas de sua vida.

As mulheres negras, por estarem na intersecção entre as classificações de gênero e etnia, sempre foram as mais prejudicadas no mercado de trabalho.

No contexto da pandemia, o PIB caiu 4,1% em 2020, e as projeções do “pibinho” para 2021, de 1,5%, começam a dar espaço para a possibilidade de uma nova recessão em 2021. Estamos na segunda onda, ainda mais grave, e sem políticas de apoio às trabalhadoras e trabalhadores e aos setores econômicos mais

afetados, exatamente onde atua a maioria das mulheres negras, como o doméstico, informal e conservação e limpeza.

Em 2020, segundo dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômico (Dieese), no grupo das mulheres negras perderam os postos de trabalho 887 mil trabalhadoras com carteira; 620 mil sem carteira; 886 mil trabalhadoras domésticas.

As mulheres negras representaram a grande maioria das pessoas ocupadas com o trabalho doméstico (formal ou informal), e essa foi uma das posições que mais sofreram com a crise sanitária. Importante lembrar que muitos consideraram as trabalhadoras domésticas como vetores de transmissão da Covid-19, pelo fato de elas utilizarem transporte público. Por esse motivo um grande número de contratos de trabalho foi finalizado.

No que diz respeito às remunerações, notou-se que o rendimento médio das mulheres negras está sempre muito abaixo dos rendimentos dos homens negros, das mulheres brancas e dos homens brancos, mesmo com o aumento do nível de escolaridade ou com o acesso a cargos mais elevados.

As mulheres negras também são as mais penalizadas com a redução do Estado, tanto porque políticas de redução à violência, autonomia financeira, de acesso à educação e saúde são esvaziadas quanto porque ainda são as responsáveis pelos cuidados, que, na falta do Estado, recaem ainda mais sobre elas.

Não basta as mulheres negras aumentarem a escolaridade e até mesmo estarem nas universidades, elas ainda assim são inferiorizadas, por mais que tenham a formação.

Uma das barreiras identificadas é o fato de que boa parte das contratações no país é feita por

indicação, e não por processo seletivo. Como as pessoas brancas são maioria no mercado de trabalho formal e tendem a ter mais pessoas brancas entre seus círculos, no chamado networking, automaticamente pessoas negras não chegam a disputar essas vagas. O mecanismo de indicação acaba perpetuando a desigualdade.

Por isso, iniciativas de processos seletivos para trainees com vagas exclusivas para pessoas negras abrindo oportunidades para que venham ocupar cargos nas direções das empresas são importantíssimas. Além disso, é fundamental que os acordos coletivos de trabalho das categorias incluam cláusulas que garantam que pessoas negras que já estão inseridas no mercado de trabalho tenham oportunidades para ascensão profissional dentro das empresas.

Essa também é uma ação de reparação histórica, e é urgente ultrapassar a visão de que se trata de favor ou caridade.

A questão é enxergar o potencial das pessoas negras, principalmente as mulheres negras, que até hoje ocupam a base da pirâmide social e do mercado de trabalho.

É de extrema importância que as empresas estejam atentas à diversidade, não apenas nos processos de seleção, mas também na evolução da carreira das profissionais negras dentro das corporações.

Campanhas antirracistas nas redes sociais são importantes, mas não bas-

tam. É necessário haver representatividade dentro das empresas, com mulheres negras trabalhando nelas, ocupando posições com poder de decisão.

Só com ações integradas de inclusão e reparação histórica vamos conseguir dar lugar a uma democracia no Brasil. Não existirá democracia e igualdade enquanto o racismo for a base da nossa sociedade, limitando o potencial da maioria de sua população, que é negra. ■



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Lins: mandata quer jogar luz sobre os bastidores da política

POR ISAÍAS DALLE

Lins Robalo tem 38 anos, é nascida e criada em São Borja, Rio Grande do Sul, e tem sua trajetória ligada aos movimentos sociais. Ela é a primeira vereadora negra e trans da cidade, terra natal de Getúlio Vargas, João Goulart e outras figuras da história política nacional. Essa assistente social é a entrevistada da edição de julho da Revista Reconexão Periferias.

A candidatura dela nasceu no seio do coletivo Girassol, que há 14 anos atua em São Borja, dialogando e organizando as juventudes, as mulheres e a comunidade LGBTQIA+ das periferias. A mandata – ela faz questão de usar o feminino – é exercida coletivamente: são três assessorias pagas com o salário da vereadora, mais uma assessora administrativa e uma chefe de Gabinete, também mulher trans, recentemente exonerada pelo presidente da casa, sem que houvesse irregularidades, apenas divergência de opinião. Mesmo exonerada, continua trabalhando,

fora da folha de pagamento da Câmara.

A palavra coragem é fiel companheira de Lins. Com ela, Lins inverte a lógica tradicional e mostra que entre as pessoas consideradas respeitáveis deste mundo é que existem verdades a se esconder.

Acompanhe:

Reconexão Periferias:

Lins, com esse seu feito histórico de chegar à Câmara Municipal de São Borja como mulher trans e negra, a biografia de São Borja começa a mudar?

Lins Robalo: É um prazer estar aqui. É um desafio,



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

foi um desafio construir conjuntamente, com os movimentos sociais, populares, de mulheres, LGBT. Conseguir ocupar um lugar na Câmara Legislativa do nosso município, que tem todo esse perfil dos grandes industriários da agricultura local, do agronegócio, e que participa da política nacional como uma cidade que produz muitas representatividades políticas, é um desafio. Então, a gente tem esse enfrentamento como um combustível. Como a gente pauta políticas públicas

para as minorias e para as questões raciais sem estar dentro da seara política mesmo, essa política institucional? Então, quando analisamos a necessidade de ocupar esse espaço da política institucional, passamos a estudá-la e a pensar estratégias para sobrepor esta realidade, que é histórica e culturalmente vem se perpetuando e se mantendo: homens brancos da elite que ocupam o espaço do poder, um espaço das decisões políticas, no contexto geral da vida, porque lhes interessa, porque esses homens ocupam esse poder econômico no local, seja no comércio, seja na indústria. Então há um interesse nesse jogo e se investe muito para ocupar esse espaço. Aí vem uma candidatura da periferia com uma mulher negra, travesti, assistente social, dialogando com as comunidades, com a juventude LGBT, com as mulheres, falando sobre uma perspectiva política diferente, sem grandes investimentos de dinheiro, apenas um investimento no que a gente acredita. E a gente conseguiu efetivamente ocupar esses espaços

no Legislativo que, para além de um feito histórico, é necessário.

RP: A gente sabe que você e outras vereadoras trans eleitas Brasil afora – estas foram as eleições em que mais candidaturas trans conseguiram êxito, foram eleitas, um recorde – têm enfrentado muitas dificuldades. Você, aí em São Borja, tem enfrentado uma oposição que de democrática não tem nada. Mas antes de falar dessas dificuldades, eu quero abordar um pouco do que você neste período já conquistou. O que você acha que é uma mudança irreversível proporcionada pelo teu trabalho e pelo que você representa?

LB: Eu acho que a mudança principal no processo é a como as comunidades estão olhando para esse processo político. Nós temos como responsabilidade social enquanto mandato popular, abertamente transparente, trazer à tona as situações que acontecem e depõem contra essa maioria política que ocupa os espaços. Então a gente faz

isso com muita continuidade, denunciar, como já deveria ser ter sido feito muitas vezes. Falar quando eles não apoiam causas que são de extrema relevância porque são das ditas comunidades, quando são causas gerais e causas coletivas. Isso tem feito que a cidade reflita muito sobre isso, sobre esse lugar, porque agora tem uma mulher negra que não age como eles esperam que ela aja, ou como esperam que uma mulher cis heteronormativa aja, que é defender os interesses do patriarcado, os interesses do machismo, criar aquela redoma de proteção. Quando é uma mulher que vem e que não tem esse comprometimento com esses lugares constituídos pelos homens que, para que se protejam os seus interesses, para que, se precisarem passar por cima dos interesses coletivos, hão de passar, para que se precisarem desqualificar outras categorias sociais, irão fazer, e essa mulher vem com um conjunto de outras pessoas que trabalham junto com ela, com essa ideia de “vamos cole-

tivizar quem é o vereador, quem tem importância, quem não tem importância”. Nesse processo, todo mundo tem importância. Num dado momento, porque nossa dinâmica de trabalho é muito conjunta, os meus assessores - a assessoria da mandata - que não são meus, são da mandata, saem nas fotos. Quando eu vou entregar um documento, quando eu vou receber um documento no gabinete, quando alguém faz uma visita, eles saem nas fotos. Aí, num determinado momento eu estava no plenário e ouvi de um outro vereador, da base governamental, dizer: “onde já se viu um vereador sair com sua assessoria numa foto entregando um documento. Nós somos as estrelas”. Então, é essa concepção que se tem dessa pequena política, de que alguém é muito mais importante do que outras pessoas dentro do espaço. Aí a gente constitui esse fazer político que na realidade desconstrói o que se tem como o que é a política local. As pessoas passam a ver, “ah, a vereadora Lins tira foto

com seus assessores, com suas assessoras, a vereadora Lins vai para a rádio e os assessores falam, as pessoas visitam o gabinete e os assessores estão junto”. Isso é um processo para o qual a política não estava preparada, penso eu, nessa perspectiva: o quanto dá pra gente fazer uma política humanizada. Começando pela humanização, não por quem entra com a vida precarizada e vulnerabilizada no nosso gabinete e nos corredores da Câmara, mas começando por nosso próprio gabinete. Porque a gente tem muitos relatos e muitas questões que a gente percebe dentro da Câmara de vereadores que os assessores e assessoras, embora sejam quem produzem a grande maioria das coisas, não têm um reconhecimento dentro daquele espaço. E eu estou ali conjuntamente com outras pessoas que merecem o mesmo reconhecimento. Primeiro

pela qualificação profissional e técnica. Segundo porque a gente não constrói lideranças se a gente não abrir os nossos mandatos, os nossos gabinetes, para que as pessoas também sejam referência do processo político. Não, eu não quero ser a única, eu não quero ser a última. Então meus assessores, um homem trans e duas mulheres trans, vão sair comigo nas fotos. E onde tiver fala, eles vão ter fala. É assim que a gente ele estimula novas lideranças.

E, nesses seis meses, embora efetivamente dentro do parlamento a gente encontre todos esses nós, essas tramas que acontecem para defender interesses econômicos e interesses políticos que são de uma grandeza muito maior do que as vidas que estão lá fora sendo ceifadas e vidas sendo precarizadas, então a gente pensa que, bom, administrativamente, nós não avançamos o tanto



que nós queríamos. Ter PLs sendo produzidos e aprovados, porque existe uma perseguição em curso, uma perseguição no entorno da nossa mandata para que ela não evolua, o que faz na realidade que a gente tenha mais metodologia discursiva, mais ações reflexivas para com a sociedade. Porque a gente consegue dizer: “Não é porque é com a Lins que isso está acontecendo. É porque se fosse qualquer outra mulher comprometida com causas sociais aconteceria. Se fosse qualquer outra mulher negra, ou trabalhador, iria acontecer da mesma forma”. Porque o que eles fazem é tentar desestruturar o mandato que é comprometido com as suas pautas e que não se entrega ao jogo. Isso desarticula o processo deles. Por exemplo, quando eu vejo que eu faço uma publicação que gera uma reflexão grande nas redes sociais e que, na segunda-feira, na sessão, é a Lins Robalo, e catorze homens comentam um post nas redes sociais. Então quer dizer, existe uma

certa relevância no que nós produzimos, porque quando a gente produz, a gente não quer que o foco da luz e do que as pessoas estão olhando vire para nós. Na realidade a gente quer colocar luz onde eles querem fazer na escuridão ou debaixo dos panos. E daí a gente clareia para a sociedade poder olhar para aquilo que está acontecendo e começar a refletir em cima disso.

RP: Sensacional. Você deve estar perturbando, deixando-os com a cabeça muito quente. Numa cidade como São Borja, de 60 mil habitantes, as praças e os lugares públicos, têm muita importância, ali as pessoas debatem a vida política, que chega nas conversas com muito mais rapidez do que numa cidade grande, onde a escuridão é muito mais fácil de se estabelecer. Você frequenta muito esses espaços públicos para fazer o debate?

LB: A Girassol, que é um movimento social LGBTQIA+ que a gente

tem, que trabalha aqui no município já há 14 anos, e de onde vem essa candidatura, ocupa esses espaços urbanos. Porque a nossa perspectiva de diálogo com a juventude, e não é só com a juventude LGBT, mas com todas as juventudes, é que nós temos direito de ocupar a cidade, que existe dentro dessa cidade uma pequena parcela da sociedade que detém o poder econômico, e costumeiramente ela acha que as pessoas em situação de vulnerabilidade não têm direito ao lazer. Que os trabalhadores e os seus filhos não podem ocupar espaços de lazer porque eles são constituídos para quem tem dinheiro e tem tempo para esse tipo de dinâmica social. A gente discute muito isso na Girassol e na nossa mandata. No cenário da Covid, a gente tem evitado estimular essas atividades, a não ser que sejam muito necessárias. Como por exemplo organizar tudo num sábado para sair porque a gente precisa resolver o problema do nosso estado geral que é o

Brasil. Mas a gente queria estar mais na rua. A nossa perspectiva era de que quando a gente ocupasse o espaço do Legislativo, constituísse oficinas de formação política voltadas em alguns momentos para as juventudes, em outros momentos para as mulheres, em outros momentos para poder debater a questão da igualdade racial dos negros e negras nosso município. Nós temos alguns povos que não são originários, mas povos tradicionais como pescadores, um vasto número de pessoas. E a gente precisa discutir essa questão: por que que a política não tem essas representatividades? A gente pensou neste início, nestes seis meses, entender essa política de dentro na sua dinâmica, nessas engrenagens. A gente estudou de fora, mas estando dentro, tem um tempo diferente do que acontece fora. Na realidade tudo acontece simultaneamente e a gente tem de aprender a não perder o fio da meada, porque obviamente (se perder), alguém pega. São 15 ve-

readores. Todos os dias eu acordo com 14 vereadores querendo a mesma coisa que eu: a página principal do jornal, a notícia mais relevante da semana e o local de destaque para a comunidade local. Isso é pra fora, e tem coisas administrativas que são pra dentro. A gente tem de se articular para que isso dê certo, tudo no tempo correto. Então a gente pensou esses seis meses para entender e aprender bem como são essas engrenagens e a gente se organizar voltar para as nossas comunidades. Nesta semana vamos definir as nossas chegadas nas comunidades. Primeiro a gente levanta as pautas e depois que a gente sistematiza como é que vão ser as nossas chegadas efetivamente para a formação. A nossa formação também é a que pensa a partir desse olhar da assistente social. Eu não posso desvincular o meu processo de trabalho enquanto assistente social. Então, a gente não vai só a com a ideia da formação política, a gente vai com a ideia da qualificação, do que é

uma metodologia discursiva, de conseguir ofertar para os nossos usuários também um momento de debate. Um momento de refletir o nosso território e conjuntamente olhar para ele e perceber o que realmente precisa ser defendido coletivamente. A gente tem uma responsabilidade humana de nesses quatro anos construir um caminho para que outras mulheres negras, LGBT's, da periferia, trabalhadores, jovens, possam ocupar esse espaço na política a partir do nosso caminho construído.

RP: Como são as periferias em São Borja? Em seguida eu quero te perguntar se as periferias, de uma maneira geral, estão mais prontas, mais sensíveis, mais abertas, ao trabalho de mulheres trans, à participação política de vocês.

LB: As periferias são o entorno da cidade de modo geral. Uma grande periferia. A gente teve toda a preocupação de estudar os dados para levar isso como uma coisa muito relevante para a sociedade. Nós temos 89%

da população votante do nosso município na periferia. Então quer dizer, as periferias são as que tomam as decisões. Ainda talvez, porque não refletem a partir do seu lugar, das suas dores e das suas demandas, não conseguem pensar uma política e se materializar dentro do espaço político. Dessas mulheres da periferia conseguem olhar lá e verem, olharem e enxergarem uma mulher da periferia e dizer assim: “aquilo ali representa as minhas demandas, as minhas dores, os meus anseios”.

Como periferia, são lugares nos extremos da cidade, não são periferias muito precárias, mas existem as suas precariedades. Existem periferias muito distantes do centro, bairros que a gente poderia considerar pequenas vilas, que são os que mais sofrem, porque estão mais para a zona ribeirinha.

O que eu penso sobre a questão de ser uma mulher trans, de termos mulheres trans dentro do processo, de termos mulheres trans dentro da

mandata e de ser a vereadora uma mulher trans: a comunidade de modo geral consegue entender a dinâmica da nossa proposição, quando a gente fala sobre as nossas identidades, das nossas relações. Porque em nenhum momento que nós saímos para o processo político não dissemos. A gente priorizou dizer “a Lins é uma mulher travesti”, a gente priorizou dizer “a Lins é uma assistente social”. Porque era uma coisa que no nosso trabalho de análise da conjuntura política, depois que a gente decidiu quem seria a representante do processo da eleição, a gente não poderia sair de uma periferia sem que as pessoas entendam que a Lins é uma assistente social, porque a assistente social é toda aquela pessoa que chega nas famílias quando as vidas estão em extrema vulnerabilidade social e precarizadas. Elas entendem a importância de uma assistente social, porque defende o direito delas. Foi tudo muito tranquilo no nosso processo, até porque a Girassol já tem um

trabalho longo, desses 14 anos, que garantiu a nossa tranquilidade de chegar nesse lugar. Até pra entender que não há uma dificuldade com a questão da nossa identidade, da minha identidade ou da identidade dos outros companheiros – a nossa suplente também é uma mulher trans – os dois, dos 13 projetos de candidatura do PT, os dois mais interessantes para a comunidade constituídos tinham à frente mulheres trans. Eu consigo analisar nessa conjuntura que o que interessou as comunidades foram as lutas pautadas, aquilo que a gente trouxe como uma demanda e aquilo que a gente efetivamente se comprometeu de fazer, de abrir as portas para outras pessoas e de começar a mostrar o que acontece nas coxias da política. Tudo aquilo que acontece quando a cortina fecha, o espetáculo que é exposto para a sociedade nas redes sociais, nas lives, nas atividades públicas quando a cortina está fechada, a gente faz questão de que a comunidade consiga entender. Que existe

outro jogo que acontece por detrás das câmeras, e que isso também tem de ser relevante, porque esse jogo que se joga quando ninguém vê é o jogo das decisões, e aquilo que se apresenta para a comunidade já é o espetáculo com, diria eu, o texto decorado. Mas o que acontece antes ou que acontece depois quando você fecha a cortina é o processo real da política, são os embates, são os confrontos, são as reflexões, são os acordos, são as costuras, e tudo isso precisa ser apresentado para a comunidade na perspectiva de estimulá-la a participar da política.

RP: Lins, eu queria que você dissesse para gente qual é o teu sonho maior da nessa trajetória política.

LR: Eu acho que o meu sonho maior é poder sair dela com a certeza de que eu consegui fortalecer outras pessoas a participar dele sem medo, com coragem mesmo. Que a gente tenha conseguido efetivamente trazer uma nova esperança para o processo político. Para que isso efetivamente

consiga acontecer dentro da nossa dinâmica social. Então todo esse esforço que a gente faz não é por interesses particularizados. Eu sempre digo que essa política do interesse particularizado, que é a pequena política, não tem como resultado final a resolução dos problemas, porque na realidade ela vive dos problemas. São os problemas, são as vidas precarizadas, são as vidas em vulnerabilidade social que garantem que esses poderosos continuem dentro desse espaço de poder. Porque o pequeno, a pessoa que está em situação de vulnerabilidade, a pessoa que está em situação de marginalidade, consegue olhar o lugar mas não se enxergar na-

quele lugar. Por isso que vota naqueles que enxerga nesse lugar, “higienizado” para pessoas com conteúdo político, com um discurso preparado, para que só aqueles possam ocupar: “ah, tem de ter dinheiro para ocupar a política, frieza para ocupar a política, não se ocupa política com coração, com outras perspectivas que sejam relevantes”, pensam. Então a nossa preocupação maior é que isso de alguma forma se dissipe dentro desse processo e daqui três anos e meio eu consiga olhar para o lado e ver mais mulheres pretas concorrerem. Não vou ser ainda tão audaciosa e dizer que eu queria muito mais gente da diversidade, gente que compõem essa



que é a realidade do nosso território dentro da Câmara. Mas se eu já estiver com eles concorrendo, com coragem para olhar aquele lugar e se perceber lá, olhar aquele lugar com propriedade de perceber como um espaço de transformação, mas não pra cima, mas para os lugares de onde se está vindo, eu vou sair dela realmente muito feliz e muito contente. Sempre digo que a assistente social não quer que seu usuário seja *ad eternum* seu. O assistente social só é bom quando ele não precisa atender ninguém, porque conseguiu na verdade trabalhar os processos de emancipação e os seus usuários estão emancipados e não precisam mais dele.

RP: Muito obrigado Lins. Isso que você fala, de as pessoas enxergarem os espaços da política e outros também e falarem: "bom, pode ser meu, por que não?", acho inspirador. E sem precisar vir a ser outra pessoa para ocupar certos espaços.

LR: Quero agradecer o convite e dizer que é de

extrema importância que a gente tenha voz nos espaços de comunicação no nosso país, nas redes sociais e comunicação aberta, que a gente possa falar com o coração e que as pessoas possam nos ouvir. Eu acho que a gente está num momento tão forte da comunicação digital que precisa estar em todos esses lugares. Não somos só um cifrão mercadológico, embora o capital atualmente esteja nos vindo dessa forma, o quanto pode gerar de renda o interesse dos negros, o interesse dos LGBT's e das comunidades, né? É como se as nossas dores tão históricas e tão culturais, as quais a gente tem reivindicado tão bravamente há mais de 500 anos, tenham virado apenas uma história de cifrões. A gente não pode se sentir desse jeito. Isso é só uma ilusão nesse processo, a gente precisa tomar esses espaços de relevância e falar, e não ter medo de pautar, porque essas pautas denunciadas, essas trajetórias com tanta permanência e com tanta força na estrutura política local, ou na estrutura política estadual ou na-

cional, servirão para que outras juventudes possam ocupar esse espaço daqui um tempo. Então eu quero sempre dizer que ocupo hoje um espaço construído por outras pessoas que já morreram e culturalmente sofreram muito no nosso País. Não é toa que uma pessoa travesti tem a possibilidade hoje de ocupar a política: quantas mulheres travestis morreram na prostituição e morreram nas ruas, morreram de HIV-Aids, foram assassinadas pela segurança pública, pela polícia, pelos seus clientes e pela própria estrutura da prostituição? Nós estamos aqui porque elas nos conduziram a esse lugar com a responsabilidade de ocupá-lo para garantir mais lugares como esse para outras pessoas, e é isso que a gente está fazendo, aguentando e estruturando a partir dessas violências que tem sofrido: um espaço outro para que jovens trans e negros da periferia possam estar aqui daqui um pouco, com outras mulheres, fazendo uma força para transformar mesmo a política. ■

Mulheres Negras Resistem: protagonismo feminino e negro

ARIADNE RIOS, MONA LISA DA SILVA E VERA RODRIGUES



ARIADNE RIOS É MESTRA EM SOCIOBIODIVERSIDADE E TECNOLOGIAS SUSTENTÁVEIS - UNILAB/CE. ESPECIALISTA EM GESTÃO PÚBLICA. BACHAREL EM ADMINISTRAÇÃO. MEMBRA DA EQUIPE DE COORDENAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO MULHERES NEGRAS RESISTEM.

MONA LISA DA SILVA É ESCRITORA PERIFÉRICA, DOUTORANDA EM ANTROPOLOGIA PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA) E MEMBRA DA EQUIPE DE COORDENAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO MULHERES NEGRAS RESISTEM.

VERA RODRIGUES É ANTROPÓLOGA E EXERCE SUAS FUNÇÕES COMO DOCENTE E PESQUISADORA NA UNILAB- UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA. É MEMBRA DA COORDENAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO MULHERES NEGRAS RESISTEM.

Como bem sinalizou Conceição Evaristo, “para a mulher negra, escrever e publicar é um ato revolucionário”, e foi assim quando tivemos a oportunidade de escrever nosso primeiro e-book por meio de financiamento conseguido com o edital do Projeto Reconexão Periferias, em parceria com a Fundação Perseu Abramo (FPA) e a Fundação Friedrich Ebert (FES).

Pelo e-book *Mulheres Negras Resistem: território, raça/cor e gênero* pudemos (re)contar nossa trajetória de um grupo de mulheres negras que resistem ao racismo, fascismo, machismo, sexismo e tantos “ismos” que impedem que mulheres negras acessem diversos espaços de poder, inclusive o de se colocarem como protagonistas e autoras de sua própria história.

Dessa forma, é importante destacar que trazer à tona as experiências e trajetórias de mulheres negras, atingidas cotidianamente por discriminações raciais, sociais e de gênero, significa comprometer-se com o registro das experiências daquelas e daqueles que historicamente foram e permanecem sendo excluídos pelos setores hegemônicos (BISPO, 2013).

Tem dado frutos a experiência de escrevermos coletivamente, por meio das mãos de várias mulheres negras, um livro sobre nossas vivências. Em um projeto que sintetiza em nós a certeza

de que somos sementes de Marielle Franco ao fomentar o protagonismo feminino e negro, por meio da formação de quadros de representação social e política em espaços públicos e privados. Que nosso aquilombamento feminino, negro e nordestino siga como resposta ao governo genocida.

Nesse sentido, também a decisão de levar um curso adiante em plena pandemia, sem recursos financeiros e estabilidade local, gerou muitos desafios em determinadas decisões, como foi o início da pandemia de Covid-19 (novo coronavírus) em março de 2020 no Brasil. Mas não tínhamos dúvida de que iríamos superar os desafios diante da pandemia.

Com isso, a decisão de prosseguir com o curso on-line nos mostrava a oportunidade de alcançar outras cursistas de outras regiões do Ceará (como a cidade de Quixadá e Guaramiranga), estados como Maranhão e São Paulo, assim como outro

país, Portugal, mostrando a visível potência diante a toda crise de saúde que estamos passando.

No entanto, a notícia no final de 2019, da contemplação do edital **Projeto Reconexão Periferias** em parcerias com a Fundação Perseu Abramo (FPA) e a Fundação Friedrich Ebert (FES), no qual nos inscrevemos para fazer um e-book, foi um suspiro pra o curso, mostrando-nos que teríamos outro elemento-chave importante perante as ações que a MNR fez desde 2018 a 2020, sendo este a visibilidade publicada no e-book.

Quantas emoções despertávamos, desde as decisões da chamada de cursistas dos anos anteriores de 2020 até a escolha de profissionais que trabalhássemos para o molde do e-book que queríamos.

O tempo para toda essa construção foi curto, mas a intensidade, das nossas escritas, da nossa pesquisa, do nosso alinhamen-

to, foi fundamental para o lindo formato final que procedeu o e-book.

Pontuamos a importância dos sentimentos das ex-cursistas (dos anos 2018/2019/2020) de terem participado do Projeto Mulheres Negras Resistem, sendo elas mesmas as protagonistas dessa escrita teórica. Trazendo perspectivas da sua vivência no curso, elevando sua autoestima e carinho com o projeto.

A escolha do nosso formato da arte e logo do projeto também nos trouxe um êxtase fundamental do cuidado e da importância que damos ao nosso projeto, pois, criado por mulher negra, dá-se a importância de que fazemos nossas decisões com dedicação, ciência e aprofundamento nos nossos estudos e pesquisas nesse tema de designer gráfico.

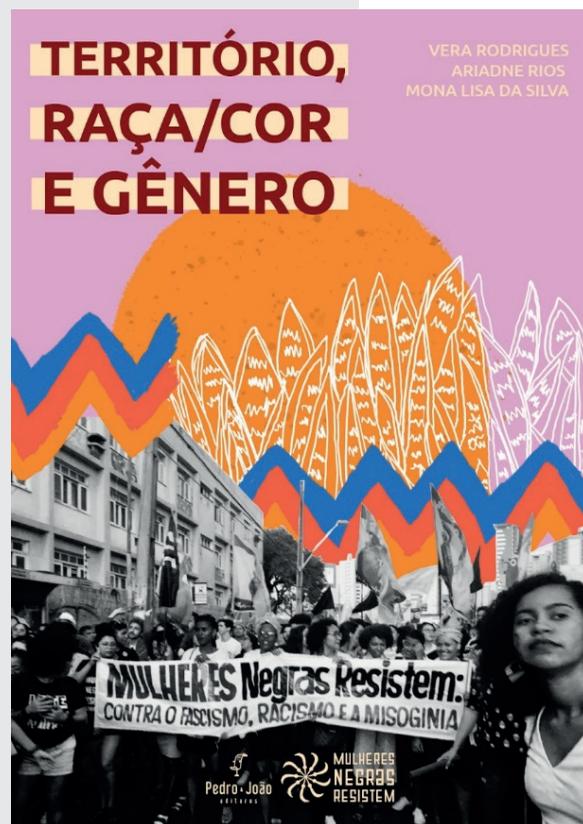
Foram reuniões semanais, com decisões pontuais, entre elas a de que dentro de 8 meses o formato do e-book estaria pronto, e mais, es-

tava com a “nossa cara”, algo potente que todo o mundo pudesse usufruir em uma leitura presente. Porém, com a perspectiva de quando se acredita na importância de ir longe, nunca esquecendo as que antecederam nossa caminhada, para irmos além e alcançarmos lugares onde queremos chegar, pois Mulheres Negras sempre Resistem.

E nós resistimos diante de toda e qualquer violência que atente contra nosso direito de existir dignamente, tais como o racismo, o fascismo e a misoginia. Por isso, nos posicionamos em defesa da democracia. Assim foi que marchamos em 2018 contra um projeto de Estado que atentava e atenta contra lutas sociais históricas, como é a luta antirracista, especialmen-

Referência:

BISPO, Silvana Santos. Mulheres Negras: Ativismo e paradoxos na luta antirracista e antissexista na Bahia. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**, Florianópolis, 2013.



te na dimensão protagonizada pelas mulheres negras. Nosso ato de intervenção social estampa a capa do nosso e-book, bem como é um registro de trajetórias coletivas de vida construídas afetiva, teórica e politicamente. ■

Coletivo promove protagonismo e cidadania da mulher negra

POR ROSE SILVA

PROFESSORA DOUTORA RAIMUNDA LUZIA DE BRITO. FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Voltado ao protagonismo da mulher negra e sua inserção nas políticas públicas, o Coletivo de Mulheres Negras do Mato Grosso do Sul Raimunda Luzia de Brito surgiu em 1995, e desde então, desenvolve suas atividades com foco nas lutas feminista, anti-racista e pelos direitos da população LGBTQIA+. A coordenação está nas mãos de Ana José Alves, uma das fundadoras, Lu Rara, Cleusa Pedrosa, Zezé do Acarajé, Angela Vanessa e da professora doutora Raimunda Luzia de Brito, que é homenageada nomeando a instituição.

Ana José Alves lembra que a formação do Coletivo se deu a partir do Grupo Trabalho e Estudos Zumbi (Grupo TEZ), que foi pioneiro na organização dos movimentos negros do Mato Grosso do Sul e se desdobrou em várias outras organizações. “Antes disso a

militância até discutia as pautas anti-racistas, mas ficava só na universidade e não avançava”, diz.

Por isso, Ana rememora que, na época, se organizaram para ter um espaço e oportunidades que tratassem especificamente das questões das

mulheres negras. “Queríamos nosso tempo de fala, nosso tempo de discussão, para que pudéssemos falar de nós para nós, para romper com o machismo”, explica.

Assim foi criado o Coletivo de Mulheres Negras de Mato Grosso do Sul

Raimunda Luzia de Brito, que, daí por diante, passou a ocupar espaços, primeiramente no Conselho Estadual dos Direitos da Mulher. “Foi para a gente um momento de muita alegria. Depois de um ano de nascido, nosso grupo correu atrás do registro para estar ali, o que originou uma estratégia de dar visibilidade e preparar as mulheres negras para os colegiados municipal e estadual. Assim expandimos nossa presença, e, nessa caminhada, já temos um quarto de século sem interrupção”.

Uma das orientações do grupo foi sair dos espaços do centro e atuar nas periferias. “Nosso trabalho já começou voltado aos ‘pontos pretos’, aqui distribuídos em sete regiões comunitárias. Aí a gente fazia toda articulação promovendo rodas de conversa e levando pautas, fossem da saúde, educação ou da violência. Porque nós, mulheres negras, somos atingidas com todas as formas de violência:

racial, doméstica, sexual, moral. E sempre preparamos as mulheres para ocuparem espaços de visibilidade”, afirma.

Em toda sua trajetória, o Coletivo participou ainda do Conselho Estadual do Negro, Conselho Estadual de Direitos Humanos, Conselho Municipal da Mulher, Conselho Municipal do Negro, Conselho Municipal da Saúde, até chegar ao Fórum Nacional de Mulheres Negras, quando ainda estava em construção.

Passou então a atuar como coordenador do Fórum em Mato Grosso do Sul e Goiás, prosseguindo em sua trajetória de expansão na representatividade na mulher negra. Apresentou um projeto com o objetivo de alcançar as cinco regiões do Brasil, e, com isso, participou do processo seletivo do Conselho Nacional da Mulher e do Conselho Nacional da Igualdade Racial, conquistando ampla participação em todo o país.



ANA JOSÉ ALVES, FUNDADORA DO COLETIVO DE MULHERES NEGRAS DO MATO GROSSO DO SUL RAIMUNDA LUZIA DE BRITO.
FOTO: ARQUIVO PESSOAL

O retorno à base

“Quando a gente cresce nas instâncias estaduais e nacionais, acaba ficando um pouco afastada da base. Então, quando cumprimos com a nossa nossa tarefa no Fórum, cuidamos de retomar nossa representatividade e voltamos para a base, com projetos pontuais no estado”, lembra Ana.

Esse retorno se deu com a pauta de julho, quando se celebra o mês da Mulher Negra Latino-Americana-Caribenha. “Começamos com a discussão aqui no Mato Grosso do Sul, a cada ano, com eixos temáti-



cos de educação, saúde, trabalho, cultura, sempre colocando o foco no protagonismo da mulher negra”.

Um dos projetos realizados pelas mulheres do Mato Grosso do Sul foi o “Vozes Negras Femininas”, que resgatava a história das quatro rainhas: Aquatune, Dandara, Akotirene e Nzinga, levando o fortalecimento, a visibilidade e o empoderamento das mulheres negras a todos os territórios, inclusive ao interior do estado. A organização fez ainda um importante trabalho na mobilização de mulheres para participar da Marcha das Mu-

lheres Negras, com uma caravana até Brasília.

Ana concluiu sua especialização em políticas públicas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com ênfase em gênero e raça. Com isso, representou o Coletivo nas conferências da Mulheres, da Igualdade Racial dos Direitos Humanos e foi convidada a integrar a Subsecretaria de Políticas Públicas para Mulheres de Mato Grosso do Sul. “Essa estratégia que nós usamos de ocupar esses espaços com o objetivo de ganhar visibilidade foi constituída porque nós entendíamos que a participação cidadã ocorre nos colegiados”, explica.

Feira Afro - Inspirada na

Feira Preta, que ocorre em vários pontos do Brasil, a Feira Afro surgiu justamente no Julho das Pretas, reunindo expositores de arte, gastronomia e roupas na Praça dos Imigrantes. Tornou-se itinerante, percorrendo vários eventos que aconteciam em Campo Grande, e já soma vinte edições. Conta hoje com 15 expositores e funciona como espaço de encontro, debate e fortalecimento de economia solidária. Devido à pandemia, não haverá feira afro neste ano. Mas o Coletivo se prepara para abrir uma loja no local, onde esses mesmos produtos poderão ser expostos e vendidos. ■

Quando novos atores entram em cena*

VERÔNICA LIMA, VEREADORA NA CIDADE DE NITERÓI

Verônica Lima é a primeira mulher negra eleita vereadora na cidade de Niterói. Sua história é marcada pela luta das mulheres, da população negra e das pessoas em situação de vulnerabilidade social. Ao longo de sua jornada como parlamentar, criou o Estatuto Municipal da Igualdade Racial e o Estatuto Municipal da Pessoa Gestante, ambos os primeiros do Brasil. Está em seu terceiro mandato. Também é autora do Programa de Enfrentamento ao Feminicídio em Niterói.



FOTO: DIVULGAÇÃO

Quais seus planos para o mandato?

Quero continuar fazendo um mandato popular, feminista, antirracista, pró-LGBTQIA+, sempre em diálogo com a sociedade civil e os movimentos organizados. Essa é uma marca do meu mandato, que possibilitou a construção de políticas importantes como o primeiro Estatuto Municipal de Igualdade Racial do país e o Estatuto da Pessoa Gestante. O parlamentar é um representante do povo

e, por isso, deve manter-se atento às demandas da população, em especial às dos que mais precisam.

Entre esses planos, qual a prioridade número 1, qual considera a demanda mais urgente?

Minha prioridade nesse momento é auxiliar na garantia de emprego, renda e alimentação digna para o povo. Vivemos uma das maiores crises da nossa história, com o país apresentando altos índices de desemprego e retornando ao Mapa da

Fome. Essa realidade é ainda mais trágica para o povo negro e periférico. Por isso, uma das minhas principais bandeiras é a defesa de políticas socioassistenciais, principalmente voltadas para a segurança alimentar e economia solidária!

Por que você decidiu ser parlamentar? Como iniciou sua atividade política?

A minha entrada na política se deu de forma muito natural, eu diria. Mesmo que não inicialmente não aspirasse a

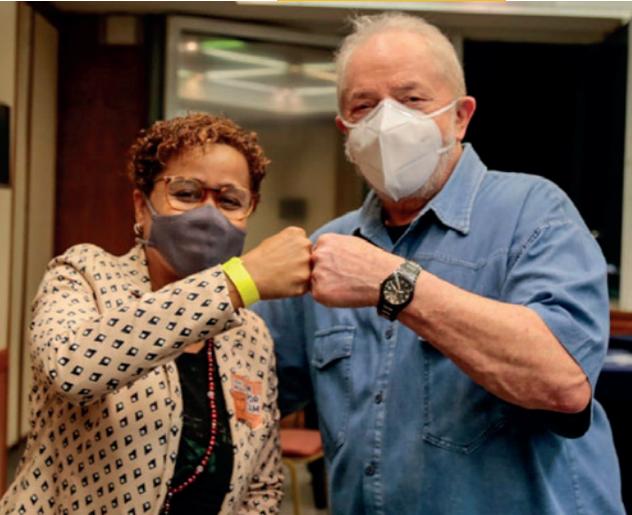


FOTO: DIVULGAÇÃO

uma vida como parlamentar, sempre busquei construir coletivamente alternativas para as injustiças e desigualdades que afligem o nosso povo. Comecei como estudante, participando de grêmios e eventos estudantis. Com o passar do tempo, fui enxergando a política institucional como espaço de poder fundamental e fui eleita a primeira mulher negra vereadora da história da cidade de Niterói.

Qual segmento social você acredita que vai apoiá-la no mandato?

O meu mandato é voltado principalmente para as populações mais pobres, periféricas, para o povo negro, para as mulheres e os LGBTQIA+. Acredito na política como um espaço onde é possível promover transformações sociais importantes para melhorar a vida das pessoas. Acredito que, por

isso, esses grupos seriam a minha base.

Em comparação com os parlamentares mais experientes, que novidade você quer apresentar na sua forma de trabalho?

Eu sou uma lutadora do povo. Sou uma mulher negra, periférica, LGBTQIA+, filha da classe trabalhadora, que está sempre disposta ao diálogo e a travar o combate pelos direitos das populações mais pobres.

Como é ser uma deputada originária das periferias em sua cidade?

Ser de origem periférica me dá uma sensibilidade aos problemas reais que as pessoas enfrentam no dia a dia. Não são questões que conheço só de estatísticas e dados, é uma realidade que conheço porque a enfrentei. Hoje, na política, sou capaz de agir para solucionar problemas e derrubar obstáculos.

Conte-nos um episódio recente que a tenha marcado, positiva ou negativamente.

Um episódio fundamental na minha trajetória foi o

dia em que estive junto com o então prefeito Rodrigo Neves, para a sanção da Lei de Cotas Raciais nos concursos públicos de Niterói. Foi uma conquista que construímos dentro do Estatuto Municipal de Igualdade Racial, de autoria do meu mandato, e que representou um passo importante na luta contra o racismo estrutural. Assim como a recente implementação do Programa de Enfrentamento ao Feminicídio em nossa cidade.

O que você diria para os jovens que pensam em seguir carreira política?

Diria, em primeiro lugar, que é fundamental que, cada vez mais, a juventude tome parte das decisões políticas, afinal o que está em jogo é o nosso futuro, o que queremos como sociedade. É preciso ter coragem, dedicação e responsabilidade, sem perder a leveza. Se você quer lutar pelo fim das injustiças, das desigualdades, por uma sociedade justa e com oportunidades e direitos iguais para todos, saiba que você não está sozinho! Estamos juntos nessa!

Malu Viana, por ela mesma: história e perspectivas



FOTO: SÉRGIO SILVA

Quando eu tinha 5 anos de idade, estudava em uma escola de educação infantil particular em na qual fui vítima de racismo. Precisei me retirar daquele espaço porque não era reconhecida como pertencente a ele. Minha mãe conta que realizou esse processo às pressas para que o dano psicológico, moral e físico não fosse maior. Aos 14 anos de idade, cursava o ensino médio e já trabalhava com carteira de trabalho assinada, mas o meu maior ato de rebel-

dia e de resistência foi enfrentar o mundo para lutar por meus direitos, cumprir meus deveres e buscar compreender o funcionamento da sociedade e suas contradições. Foi ainda na adolescência que iniciei minha militância no movimento dos bailes blacks, anos 1980. O que predominava nessas festas eram as equipes de som de black music e de dança, mas logo chegaram o breakdance e o rap, dando início aos primeiros passos que consolidaram a cena do

hip-hop gaúcho.

A virada da década de 1980 para 1990 foi super importante para traçar os rumos da minha trajetória. Foi nesse período que, por meio dos bailes blacks, comecei a me interessar por políticas comunitárias e periféricas. Mas, além disso, o trabalho das equipes de som, dos DJs e dos grupos de dança me levou ao contato com o breakdance e o rap. Logo vieram os primeiros muros com expressões de graffiti pela

MALU VIANA (IN MEMORIAM), A MC FLOR DO GUETTO, FOI UMA DAS PRIMEIRAS MULHERES A FAZER RAP NO BRASIL, ORGANIZOU FRENTES DE MOBILIZAÇÃO DO HIP HOP DESDE O FINAL DOS ANOS 1980 E COLABOROU COM O PROJETO JUVENTUDE DO INSTITUTO CIDADANIA E DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO.

cidade e, aos poucos, fui entendendo a completude disso que chamamos de hip-hop. Digamos que eu sou “uma medium school” do hip-hop na capital gaúcha. O hip-hop me tornou uma educadora social e, nesse papel, realizei palestras, formações, rodas de conversa, consultorias e assessorias que demonstram as potências das pedagógicas desse movimento. A atuação como hip-hopper sempre foi baseada em fatos reais, na vida vivida, nós carregamos histórias e situações cotidianas que acumulamos ao longo de nossas trajetórias individuais e coletivas e que se entrelaçam com a construção e participação em organizações, redes e ações de base para a mudança da sociedade.

Dentre os fatos marcantes da minha adolescência, lembro-me de me deparar com um jovem negro sendo espancado e assassinado pela polícia na saída de um evento conhecido pela comunidade hip-hop. Na época, eu morava em Alvorada, região metro-

politana de Porto Alegre, e o transporte público, que começava a circular apenas às 5h da manhã, demorava muito até chegar em minha comunidade. O assassinato do jovem aconteceu quando eu e um grupo de amigos estávamos à espera do ônibus na parada, todos ficamos assustados. Eu não esqueço da fúria da polícia durante o ato violento contra um jovem que era trabalhador e que tinha as festas como espaço de lazer; ele teve sua vida ceifada durante uma madrugada em que saiu para se divertir.

Desde aquele fato, a questão da violência contra jovens negros e periféricos passou a ser uma pauta da minha vida. Não dá para deixar de lado os recortes de raça, gênero e classe na elaboração das políticas públicas. Por isso, lutei e continuo lutando e resistindo para que gestores e políticos tenham olhar atento e respeito ao presente e ao futuro das juventudes brasileiras, com especial atenção àqueles que estão morrendo e também se

matando devido à triste realidade de exclusão e violência que vivemos. Minhas motivações para lutar são o enfrentamento do racismo e as diversas formas de preconceito e discriminação racial. Por isso, durante os anos 1990 atuei na Coordenadoria Estadual da Juventude do MNU/RS (1997), participei do ato nacional intitulado Hip Hop x Juventude Lula e Olívio no sindicato dos Bancários em São Paulo (1998), além de ter participado de movimentos, redes e mobilizações em torno de causas sociais, humanitárias e comunitárias. Fui membra do Comitê Organizador do Acampamento Intercontinental do Fórum Social Mundial (Coaij-FSM) (2001), que buscou construir outro mundo possível. Em 2005, assumi a cadeira de Conselheira Nacional do Conselho Nacional de juventude (Conjuve), onde busquei atuar como defensora, articuladora e mobilizadora de políticas públicas para as juventudes e para o enfrentamento ao extermínio e o genocídio

da juventude negra.

O nosso objetivo maior é organizar e compartilhar os acúmulos dessa nossa imensa bagagem de vida. Por isso, em determinado momento resolvi cursar Serviço Social, um desejo muito antigo e que se consolida nesse momento. Nessa área, sempre busco compartilhar meu saber local e a realidade periférica, para que a atuação de profissionais tenha como base também a experiência empírica que eu carrego no meu corpo. Eu preciso lapidar e compartilhar todo o aprendizado e conhecimento adquirido nesses quase 30 anos de ativismo, pois além da luta e da crença no futuro melhor, também há o amor pelo que eu faço e a resistência para continuar vivendo. Minha luta é individual e coletiva, não podemos nos desconectar da resistência popular e comunitária em prol da inclusão, do respeito às diferenças, do enfrentamento e combate ao extermínio e genocídio da população negra, ao racismo, ao preconceito, à discriminação racial,

ao machismo e a todas as formas de opressão.

Eu aprendi a lutar não apenas por mim, mas pelo coletivo, seja da minha cidade, do meu estado, do meu país ou de qualquer lugar do mundo. Confesso que é sempre uma experiência incrível poder compartilhar e entrelaçar essa minha história, que envolve muitas outras pessoas, e o percurso dos movimentos sociais de resistência e luta comunitária. No mundo acadêmico, onde sou iniciante, escrevo textos e artigos como aquela que está adentrando uma área em que, até então, era uma estranha, e que cheguei a achar que não era para mim, mas com a qual sei que tenho muito a contribuir devido aos ensinamentos que a militância me trouxe. A oportunidade de conhecer e apropriar-se dos determinantes históricos, unir elementos e conceitos de uma área tão elitizada e considerada para pessoas de classe alta com as formas que nós inventamos para continuar sobrevivendo e lutando tem sido grandiosa.

Hoje, posso perceber o quanto é importante analisar a sociedade a partir de uma perspectiva histórica, o hip-hop me ensinou isso. Com o passado aprendemos sobre as tentativas, os erros e os acertos, ele aprimora o presente. Os acontecimentos destes últimos anos me faz crer que nada será como antes, vivemos um novo momento que demanda um árduo recomeço, a reconstrução de uma sociedade que lutou e continua lutando muito pela democracia, mas que foi surpreendida com o golpe que se consolida em 2016 e que tem, como consequência, danos que afetam principalmente os grupos sociais desfavorecidos. O atual governo representa o retrocesso e a desconstrução das conquistas alcançadas lentamente por toda uma geração e grupos sociais diversos, com destaque para o protagonismo dos sujeitos periféricos. É a partir das periferias que vamos fazer o novo momento de virada.

Gracinha Donato

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA), em 2010, e Especialização em Linguagens pela Universidade de Brasília (UnB), em 2013. Trabalha com a linguagem teatral desde quando participou da montagem e circulação da peça “Josimos das águas, das terras de lá...”. Atuou em diferentes peças e outras linguagens artísticas, com música e produções audiovisuais. É articuladora política e cultural no Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), atua como educadora artística em diferentes comunidades atingidas pela mineração, assentamentos e acampamentos da Reforma Agrária.

Foi coordenadora da Unidade de Cultura da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) entre 2016 e 2017 contribuindo na organização

e produção de atividades culturais como oficinas de teatro, música, poesia, artes visuais, agitação e propaganda para turmas latinas de diferentes organizações sociais. Participou também da organização de semanas de arte e cultura, encontros e seminários na área. Foi produtora cultural no Festival de Teatro Brasileiro em 2015; da coordenação do I Festival de Teatro de Açailândia em 2011; Organizadora do I Festival de Teatro Político - Festival da Utopia em 2016. E do I Encontro Internacional de Teatro do Oprimido em 2016. Ministra oficinas de teatro para crianças, jovens e adultos e faz parte da Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré e do Coletivo Terra em Cena.

Gracinha Donato lançou a série “Crônicas do Araguaia: mulheres do fogo, das águas e das matas”, que



FOTO: MARCELO CRUZ

retrata a luta e resistência das mulheres guerrilheiras do Araguaia. A série é baseada no livro Crônicas do Araguaia, de Janailson Macêdo. A série é formada por quatro vídeos-performances que retratam essas mulheres que estão presentes na nossa memória e história. Elas

subverteram a ordem e não se calaram, acreditavam em um mundo igualitário e na força dos povos da floresta para a transformação social.

"Irmã das muitas outras surgidas a cada noite em que ela esteve fora; irmã de todas as ovuladas, por meses e mais meses, após os primeiros réquiens serem ouvidos lá do Araguaia."

Facebook: <https://www.facebook.com/gracinha.donato/>

Instagram: <https://www.instagram.com/donatogracinha/>

Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCMdHDNSabaQC4szuZBlwIww>

Série Crônicas do Araguaia - Episódio 1 (Tempo, tempo, tempo):
<https://www.youtube.com/watch?v=XKMzSliwH5Q>

Links para acessar Lattes e alguns trabalhos:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4353667Z1> - Lattes

<https://www.youtube.com/watch?v=5KR-YIGJgaM> – Sô isso não, dona!

<http://www.mst.org.br/2017/10/18/ja-esta-no-ar-radionovela-rosa-luxemburgo.html> - Rádio Novela Rosa Luxemburgo

Nielson de Lima (Terror do Rap)

Nielson de Lima, mais conhecido como Terror do Rap, tem 37 anos e mora no bairro de Santo Amaro em Recife (PE). Começou no rap com 16 anos e até hoje é uma resistência da cultura hip hop, passa uma visão com sabedoria em seus escritos, trazendo voz para o povo da periferia ao percorrer sua caminhada. Sempre em busca de informações onde estiver, participou do Fórum Social Europeu na França, Fórum Social Mundial em Porto Alegre e Fórum Social Nordestino. Com um CD gravado na Itália, em 2003, intitulado *Na Calada da*



FOTO: CARLOS FOTTO

Noite, em viagem realizada pelo *Pé No Chão*, atualmente foca em novas composições além de releituras dos seus trabalhos mais antigos.

Ninguém será por nós e fortalece o povo

Seja inteligente mesmo passando sufoco você é valioso

Acredita no que falo sai da esquina pra não vira finado

Já pedir vários chegado não posso ficar calado com vários descasos

Unido pelo povo em uma só missão, eu sou Terror Do Rap te passando a visão

Sem ostentação, somos rap de raiz lutando sem emoção

Agindo pela razão, é nós por nós, até o fim em qualquer geração

Instagram: @terrordorapoficial

Facebook : nielson de lima

Página no Facebok : terrordorapoficial/ guerrirosdarua

YouTube: guerreiros da rua Irmã das muitas outras surgidas a cada noite em que ela esteve fora; irmã de todas as ovuladas, por meses e mais meses, após os primeiros réquiens serem ouvidos lá do Araguaia."

Meio ambiente e periferias: do racismo ambiental ao saber popular e à educação

Desde o início de 2020 o Reconexão Periferias realiza programas para discutir os temas mais diversos relacionados à periferia e à pandemia e dialogar com organizações, coletivos e movimentos sociais de todo o país.

Durante os meses de

junho e julho realizamos lives com a mesma temática da última edição da **Revista Reconexão Periferias: Ataques ao meio ambiente e danos às vidas periféricas**. Conversamos com militantes dos movimentos sociais, membros de organizações da sociedade civil

que pautam o meio ambiente, parlamentares e estudiosos.

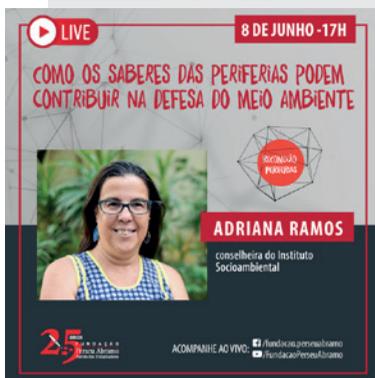
Os encontros ocorreram sempre às terças-feiras, às 17h, horário de Brasília, no [canal do youtube da Fundação Perseu Abramo](#) e na página do [Facebook](#)

Confira as lives do mês de junho e acesse o canal da Fundação Perseu Abramo para assistir:

Dia 08/06: Como os saberes das periferias podem contribuir na defesa do meio ambiente, com Adriana Ramos

Dia 22/06: Meio ambiente, desafios e potências a partir das perspectivas periféricas, com Cledisson Junior e Marina Domingues

Dia 06/07: Educação, políticas ambientais e periferias, com Nilto Tatto e Alexandre Queiroz.



AGENDA DE JULHO DE 2021

Tendo em vista a necessidade de permanecer em casa devido à pandemia mundial de Covid-19, a agenda deste mês será destinada à divulgação de programações online:



Programa Quinzenal Reconexão Periferias

Terça- feira, às 17h (horário de Brasília)

No canal da Fundação Perseu

Abramo: [www.youtube.com/
FundacaoPerseuAbramo](http://www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo)

Lançamento do livro “Trajetórias da Informalidade no Brasil Contemporâneo” - Reconexão Periferias

Data: 20/07 às 17h

No canal da Fundação Perseu Abramo: [veja aqui](#)

Seminário Online Somos Todas

Terezas - realização de Marilene Pereira em parceria com o Neab/Ufes e apoio da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo, por meio do Funcultura Edital 16/2019 Diversidade Cultural).

Data: entre 26/07 e 29/07

Ao vivo no canal do Neab/Ufes no Youtube

Inscrições até 20/07 [aqui](#)

Roda de conversa com mulheres quilombolas

- Movimento Quilombola Coordenação de mulheres Quilombolas de Sergipe (Conaq-SE)

Data: 15/07 às 9h

Local: Ladeiras, Bongue, Santo Antônio Canafístula - Sergipe

Atividade: Eu Preta na Universidade - Geteq

Data: 15/07 às 19h

Mais informações no instagram: @geteq.ufs

Roda de conversa de mulheres quilombolas

- Movimento Quilombola Coordenação de mulheres Quilombolas de Sergipe (Conaq-SE)

Data: 16/07 às 9h

Local: Sítio Alto, Palmares, Catuabo, Forras - Sergipe

Mulheres negras no poder – trajetórias e resistências

- Movimento Negro Unificado MNU-SE)

Data: 13/07 e 16/07 às 19h

Encontro virtual, mais informações no instagram @mnu.se

Pretas Potências com prof^a Alessandra Correia falando sobre o grupo de pesquisa Escrevivências

- Auto-organização de Mulheres Negras Rejane Maria

Data: 17/07 às 14h

Mais informações em: @mulheresnegrasrejanemaria

Programa Voz da Mulher

produzido pela Associação Mulheres na Comunicação - Rádio Web Mulheres na Comunicação <https://www.mulheresnacomunicacao.com/>
 Todos os sábados às 8h, retransmitido de segunda a sexta-feira: 6:00, 13:00, 19:00 e 23:00
 O programa está disponível no Spotify, Google Podcasts, Apple Podcasts e Anchor, no canal "Mulheres na Comunicação"

Rádio Comunitária "A Voz das Comunidades" 87,9FM

na página do [Facebook](#) e no aplicativo Programações diárias das 6:00 às 20:00 (horário de Manaus)

Live Mulheres negras e a psicologia preta - Comunidade Oju Ifa

Data: 20/07 às 19h
 Mais informações no instagram: @comunidadejuifa

Live Mulheres Negras e o Enfretamento Político: Como chegarmos fortalecidas em 2022 - Casa de Mar

Data: 21/07 às 19h
 Mais informações no instagram: @acasadmar

Live-Sarau Dandaras de todos os Cantos - Instituto Braços/MNDH-SE

Data: 23/07 às 19h
 Mais informações no instagram: @institutobracos

Seminário on-line "Simone Diniz: racismo entre nós" - Organização: Comitê Gestor da Equidade de Gênero e Raça do Tribunal de Justiça do Estado

de Sergipe
 Data: 16/07 e 23/07 às 19h
 Inscrições [clique aqui](#)

Mulheres Negras e o bem viver: Ensinamentos do sagrado como soluções para o futuro - Casa de Mar

Data: 27/07 às 19h
 Mais informações no instagram: @acasadmar

Mulheres negras e a academia, por que não? - Comunidade Oju Ifa

Data: 27/07 às 19h
 Mais informações no instagram: @comunidadejuifa

e-book Mulheres Negras Resistem: território, raça/cor e gênero

Disponível [neste link](#)

Site Museu da Boa Esperança - Centro de Defesa Ferreira Sousa

<https://www.museudaboaesperanca.org/>

Novas edições da Revista Sampa Mundi sobre Mulheres em Movimento na Zona Sul

Disponíveis em: <https://www.sampamundi.com.br/>

Documentário "Relatos de uma pandemia nas periferias amazônicas"

é o resultado de uma trajetória de registros audiovisuais produzidos pelo Coletivo Ponta de Lança - ação contemplada pela Chamada Pública do Projeto Reconexão Periferias, da Fundação Perseu Abramo em parceria da Friedrich-Ebert

OPORTUNIDADES

Edital	Foco	Prazo	Link
Prêmio Empreendedor Social do Ano em Resposta à Covid-19- Grupo Folha	Os candidatos podem se inscrever em quatro diferentes respostas à Covid-19. O concurso vai dar visibilidade ao combate à fome e às desigualdades e soluções em áreas como saúde, geração de renda, educação, moradia e ambiente. Também serão reconhecidos exemplos de resiliência e criatividade em territórios periféricos.	02/08/2021	https://premiofolha2021.prosas.com.br/
Edital - Agriculture Foundation (AAF)	A AGCO Agriculture Foundation (AAF) está com inscrições abertas para financiamento de organizações sem fins lucrativos que promovam iniciativas em prol da segurança alimentar e do desenvolvimento agrícola sustentável em comunidades vulneráveis.	30/09/2021	http://www.agcofoundation.org/grants
Edital - campanha DORITOS® Rainbow	A campanha DORITOS® Rainbow de 2021 reivindica e celebra o direito de liberdade da comunidade e tem como propósito reconhecer e fortalecer organizações de impacto social para aumentar a inclusão de pessoas LGBTI+ na sociedade. Para isso, neste ano, DORITOS® doará 1 milhão de reais que serão divididos entre 10 instituições da sociedade civil sem fins lucrativos que desenvolvam projetos com foco nos eixos: Acolhimento socioemocional; Geração de renda; Sensibilização e visibilidade	30/07/2021	www.filantropia.org/doritosrainbow

<p>Edital Fundos da Infância e da Adolescência - Itaú</p>	<p>O Itaú Social abriu as inscrições para o Edital FIA (Fundos da Infância e da Adolescência). Na edição deste ano, devido ao agravamento da pandemia de Covid-19, o foco principal será apoiar projetos que contribuam para a garantia de direitos diante do quadro de aumento das desigualdades. Destinado aos Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente</p>	<p>30/07/2021</p>	<p>https://www.itausocial.org.br/editais/</p>
<p>Oportunidade aberta para organizações combatendo o tráfico de vida silvestre na América Latina</p>	<p>O Departamento de Estado do Governo dos Estados Unidos está com edital aberto para apoiar iniciativas de organizações da sociedade civil que atuem na prevenção ao tráfico de vida silvestre no Brasil, Argentina ou Costa Rica. O financiamento disponível é de 3 milhões de reais, cerca de 16 milhões de reais.</p>	<p>Até 27/07/2021</p>	<p>https://captadores.org.br/2021/05/30/opportunidade-aberta-para-organicoes-combatendo-o-trafico-de-vidasilvestre-na-america-latina/</p>
<p>O Fundo Global de EbA</p>	<p>Liderado pela União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN) e pelo Programa das Nações Unidas para Meio Ambiente (UNEP), o Fundo Global de EbA (Adaptação dos Ecossistemas, na sigla em inglês) é um mecanismo de apoio a abordagens inovadoras. O Fundo tem como objetivo financiar iniciativas catalisadoras para ajudar a superar as barreiras para aumentar a adaptação de ecossistemas.</p>	<p>Até 30/08/2021</p>	<p>https://capta.org.br/opportunidades/o-fundo-global-de-eba/</p>

OPORTUNIDADES

<p>Matchfunding Enfrente o Corona</p>	<p>A Fundação Tide Setubal, em parceria com a Benfeitoria, abre inscrições para o Matchfunding Enfrente o Corona, plataforma de financiamento de iniciativas de enfrentamento dos efeitos do Coronavírus nas periferias brasileiras.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://capta.org.br/oportunidades/fundacao-tide-setubal/</p>
<p>Fondo de Acción Urgente</p>	<p>Os Apoios de Resposta Rápida – ARRs é um modelo único de financiamento flexível e de curto prazo criado pelos Fundos de Ação Urgente, para apoiar de maneira estratégica ações que: protegem a diversidade de ativistas e suas organizações, quando elas estão em risco ou ameaçadas por seu trabalho na defesa dos Direitos Humanos e do território e da natureza; ou que atuem pela defesa e promoção dos direitos das mulheres e das pessoas LGBTIQ+, estabelecendo precedentes legais, influenciando políticas e/ou promover mudanças nas práticas sociais ou culturais.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://fondoaccionurgente.org.co/es/que-hacemos/apoyos-de-respuesta-rapida/</p>
<p>Chamada para o dossiê "Coletivos culturais: resistências, disputas e potências" da PRAGMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura</p>	<p>A chamada propõe o debate sobre produções, práticas, trajetórias e atuação de coletivos formais e informais organizados em torno da cultura, considerando-se as relações e articulações que conformam a presença dessas coletividades na cena pública. Pretende-se reunir artigos de cunho teórico e/ou apoiados em dados empíricos que contribuam para essa discussão, em especial aqueles que permitam pensar as ações e reações de grupos sociais e sujeitos historicamente marginalizados nos sistemas de produção cultural.</p>	<p>Submissões até 31/07/2021</p>	<p>https://periodicos.uff.br/pragmatizes/announcement/view/515</p>

OPORTUNIDADES

<p>Quilomba Feminista: mulheridades e transfeminilidades negras em movimento</p>	<p>Estão abertas as inscrições para compor o livro Quilomba Feminista: mulheridades e transfeminilidades negras em movimento, da Coleção Diálogos da Diáspora.</p> <p>O livro vem de encontro com os modos de ser, estar e pensar o mundo a partir dos feminismos de mulheridades e/ou feminilidades cisgêneras, travestis, transexuais e transgêneras negras. A obra tem como objetivo promover um diálogo crítico entre o Feminismo Negro e o Transfeminismo Negro, de modo a produzir uma encruzilhada de saberes e experiências.</p>	<p>Até 18/08/2021</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/9095-quilomba-feminista-mulheridades-e-transfeminilidades-negras-em-movimento</p>
<p>2º Prêmio Fundação Grupo Volkswagen.</p>	<p>O Prêmio Fundação Grupo Volkswagen tem como objetivo apoiar Organizações Sociais, sem fins lucrativos, que estão desenvolvendo tecnologias sociais com o objetivo de fortalecer produtos e projetos que possuam soluções para problemas nas causas da Mobilidade Urbana, Mobilidade Social e Inclusão de Pessoas com Deficiência.</p>	<p>Até 21/07/2021</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/9332-2o-premio-fundacao-grupo-volkswagen</p>